



SOJA E MILHO DESBANCAM CANA-DE-AÇÚCAR EM RENTABILIDADE

OPÇÕES DA PEQUENA PRODUÇÃO DE AVES E SUÍNOS

MARCELO MIELE*

O Brasil possui milhares de produtores de aves e suínos menores, os quais estão pouco integrados às cadeias globais de commodities, mas fortemente ligados aos mercados locais. Um caminho comum seguido por esses produtores ao se aposentarem é abandonar a produção, uma vez que, muitas vezes, não deixam sucessores. Apesar da baixa participação na produção, há fortes argumentos a favor da mobilização de recursos para fortalecer os pequenos produtores.

O BRASIL destaca-se nas exportações mundiais de carnes de frango e suína, com a primeira e a quarta posições respectivamente, bem como no suprimento do crescente mercado interno de ovos. A competitividade dessas cadeias produtivas promove o desenvolvimento regional e reduz o

preço dos alimentos. Já se tem meio século de avanços tecnológicos e organizacionais nos sistemas de produção agroindustriais, com um contínuo aumento na escala e na especialização.

Mas há, também, milhares de produtores de aves e suínos que têm pouca

interação com os circuitos globais de commodities, sendo mais ligados a mercados locais por meio de canais curtos de comercialização (pequenas cooperativas e associações, feiras e merenda escolar). Esses estabelecimentos são importantes para o crescimento rural e a oferta de alimentos diferenciados,



NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS COM AVES E SUÍNOS POR ESCALA EM 2006 E 2017

PRODUTO	Escala (cabeças)	2006	2017	Var. %
Aves	10.001 ou mais	17.794	23.971	+34,7
	De 501 a 10.000	7.663	5.786	-24,5
	Subtotal	25.457	29.757	+16,9
Suínos	501 ou mais	9.299	11.835	+27,3
	De 51 a 500	37.767	17.087	-54,8
	Subtotal	47.066	28.922	-38,6
	TOTAL	72.523	58.679	-19,1

Fonte: Censos Agropecuários/IBGE

caracterizados por pequena produção, baixa diversificação e uso de menos tecnologia. Muitos deles produzem para autoconsumo, com a venda eventual dos excedentes.

Com base nos Censos Agropecuários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção foi segmentada em quatro categorias: quanto à origem da mão de obra, em familiar e não familiar; e, quanto à escala de produção, em industrial (rebanho superior a 10.000 aves e 500 suínos) e pequena (rebanho entre 501 e 10.000 aves ou entre 51 e 500 suínos). A produção familiar de subsistência, com rebanho de até 500 aves e até 50 suínos, não foi considerada.

Entre os Censos Agropecuários de 2006 e 2017, o total de estabelecimentos nesses quatro segmentos reduziu-se (-19%). Apesar de o número do segmento industrial ter crescido (32%), o do segmento de pequenos caiu (-50%), enquanto aumentou o de abates (65%) e a produção de ovos (54%), segundo, respectivamente, a Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (PTAA) e os dados trimestrais da Pesquisa de Ovos de Galinha (POG).

Pelo Censo de 2017, a predominância do volume de vendas ficou mais concentrada no segmento industrial não familiar (92% dos ovos, 67% dos suínos e 65% dos frangos) quando em comparação ao da industrial familiar (5%

dos ovos, 34% dos suínos e 25% dos frangos). Já os pequenos não familiares e familiares tiveram uma participação pequena (3% dos ovos, 8% dos suínos e 10% dos frangos). O total de estabelecimentos (4.860.143) está disperso em todo o território nacional: Sul (36%), Nordeste (24%), Norte (17%), Centro-Oeste (13%) e Sudeste (11%).

QUAIS SÃO AS OPÇÕES ESTRATÉGICAS DOS PEQUENOS PRODUTORES?

Manter a condição atual significa estar sujeito às forças moldadoras das agropecuárias brasileira e mundial, com redução no número de estabelecimentos pequenos. Uma opção comum entre os aposentados rurais de larga experiência e sem sucessão consiste em parar e abandonar a produção. Já os frigoríficos e as granjas integradas, normalmente, buscam escala de produção para minimizar custos e adotam tecnologias poupadoras de mão de obra.

Ampliar a escala de produção é uma opção que requer mão de obra e área agrícola para depositar dejetos, além de capital para investimento. Além disso, caso fossem adotadas as atuais escalas médias da produção industrial de base familiar, os excedentes elevar-se-iam em 9% nos frangos, 21% nos ovos e 45% nos suínos. Assim, essa decisão pode significar apenas uma breve sobrevida para essas atividades.

As políticas públicas podem ajudar com recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), alinhados à assistência técnica e à extensão rural focadas na gestão e nas boas práticas de produção (BPPs). A busca por inovações deve estar baseada em soluções tecnológicas adaptadas, como genética de baixo custo, miniaturização de equipamentos, diversificação e integração de sistemas, simplificação de processos e alimentos com rastreabilidade e certificação. Tudo isso reforça a necessidade de diálogo com setores urbanos de marketing, logística, fintechs, start-ups e jovens recém-formados, sobretudo, em Ciências Agrárias. A pequena produção pode revelar-se um mercado potencial para produtos e serviços.

POR QUE MOBILIZAR RECURSOS SE ESTES POSSUEM BAIXA PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO?

Os motivos podem ser resumidos em três itens. Primeiro, sobretudo por serem cidadãos carentes de apoio necessário para sua sustentabilidade e renda familiar, com capacidade de atuar em mercados de nicho. Segundo, porque o País dispõe de profissionais nos setores público e privado capazes de buscar soluções criativas e de baixo orçamento. Terceiro, em função da qualificação e da adoção de BPPs, reforçam-se a segurança dos alimentos e a biossegurança sistêmica dos rebanhos. Como protegem um flanco da entrada de patógenos e doenças emergentes, esses pontos fortalecem a competitividade da avicultura e da suinocultura industriais do agronegócio exportador. ■

* Pesquisador e chefe adjunto de Transferência de Tecnologia da Embrapa Suínos e Aves